

O Messias samaritano no Evangelho de João.

Antonio Carlos Higino da Silva

<http://lattes.cnpq.br/7688414808630436>

Neste artigo procuraremos analisar questões centrais suscitadas a partir das principais reflexões acerca dos Messianismos no Tempo de Jesus. Compararemos as possibilidades teóricas apontadas em importantes obras de referência a fim de identificar as perspectivas messiânicas que podemos encontrar na tradição dos cristãos joaninos.

Cristianismo – Judaísmo – Messianismo – Taheb - Samaritanos

In this article we will look for to analyze excited primordial questions from the main reflections concerning the Messianism in the Time of Jesus. We will compare the theoretical possibilities you point in important workmanships of reference in order to identify the messianic perspectives that we can find in the tradition of the joaninos Christians.

Christianity - Judaism - Messianism - Taheb - Samaritanos

Segundo Donizete Scardelai em *Movimentos Messiânicos no Tempo de Jesus* vários paradigmas de libertação judaica se desenvolveram a partir da revolta macabaica de 165 a.e.c. E para analisar este processo ele delineia três títulos-chaves “como matrizes sobre os quais os critérios para a condição messiânica serão investigados no contexto da Terra de Israel em luta por liberdade.” (Scardelai, 1998:6), ou seja, o desejo de restabelecer a independência política e religiosa do povo hebreu teve como uma de suas conseqüências o desenvolvimento de esperanças messiânicas.

Filho de Davi, Filho de José e um redentor Profeta são os títulos-chaves que orientaram Scardelai como referência para a compreensão das diversas expectativas messiânicas no recorte temporal que vai das Guerras Macabaicas até as revoltas de 135 e.c. Para o autor este recorte é muito sugestivo por representar um período repleto de conturbações sociais, batalhas militares, tentativas de libertação nacional feitas por movimentos populares.

Os antecedentes conceituais sobre os quais repousam estes títulos-chaves colocam as origens destes messianismos na hermenêutica bíblica (Tanach) que se desenvolveu através da literatura apocalíptica judaica do período pós-macabaico e na ideologia monárquica. Somente após a destruição do segundo templo “os rabinos foram, contudo muito prudentes e discretos para não valorizar excessivamente os aspectos da apocalíptica”. (SCARDELAI, 1998: 26). A força da ideologia monárquica foi, então, alavancada pela literatura apocalíptica gerando crenças na manifestação de um redentor. Por isso, somente depois da destruição do Templo, o judaísmo rabínico tornou-se a plataforma central do que chamamos judaísmo normativo, garantindo inclusive a própria sobrevivência da nação judaica na diáspora pelos séculos afora até tempo presente. Gradualmente, o desenvolvimento das idéias messiânicas foram adquirindo uma composição mais consistente e uniforme, sem que com isso seu conteúdo fosse absolutamente esgotado em normas dogmáticas. (SCARDELAI, 1998: 36-37).

Desta forma a tradição rabínica garantia a tradição dos antigos enquanto impedia sua excessiva fragmentação. Pois para impedir a prática de abusos hermenêuticos e interpretativos à tradição rabínica propôs que seria preciso “pôr um cerco em torno da Torah” segundo a Mishna Abôt, 1,1 (apud SCARDELAI, 1998: 38). Mas este quadro só pôde ser estabelecido no pós setenta, pois antes havia uma irrestrita autonomia na relação do judeu com a Torah.

A análise etimológica do termo Messias contribui para que possamos compreender como a literatura apocalíptica (pós-bíblica) desenvolveu novos rumos da salvação escatológica.

Os critérios para determinar as referências messiânicas estão condicionados aos fundamentos da exegese bíblica que, interpolando o sentido literal bíblico de “ungido” (messias), pode fornecer uma literatura alternativa inteiramente nova. Por este processo é que foi possível extrair do texto bíblico original um sentido que não está explícito. Embora tenha-se constituído numa doutrina tão relevante, principalmente para a fé cristã, o termo “ungido” (e por extensão messias) não significa nome pessoal, e muito menos termo teológico quando empregado no original hebraico. A designação bíblica de messias é o hebraico *Mashiach* (ungido), ou o aramaico *Mashicha*, como é comumente usada. Somente mais tarde tornou-se modelo de esperança judaica através dos textos talmúdicos. O sentido posterior de “messias” fora então alterado, dado à passagem para a terminologia grega “Christos”. Inicialmente usado pra descrever

a função de todo aquele “ungido com óleo”, *Mashiach* tornou-se título honorífico para se referir àqueles que eram escolhidos. Ademais as quarentas passagens da Escritura em que aparece o termo “messias”, sem interpolação do sentido salvador, preservam todo seu sentido original de “ungido”. Como condição exegética é mister ultrapassar esse sentido original da palavra bíblica “*mashiach*” (ungido) a fim de só então compreender o amplo horizonte e o alcance das interpolações sofridas, vinculadas à doutrina posterior do messias. (SCARDELA, 1998: 46)

A partir destes antecedentes conceituais (exegese bíblica + ideologia monárquica) atrelado ao contexto socio-histórico do recorte temporal pós-macabaico Scardelai estabeleceu os três títulos-chaves citados acima enfatizando na perspectiva do messianismo do Filho de Davi “que no tempo de Jesus definia grande parte das proclamações messiânicas”. (Scardelai, 1998: 20). O breve período de independência sob os Macabeus deu força à idéia do messias filho de Davi que resolveria os problemas de natureza política trazendo novamente a paz.

Retratou-se um ser humano pertencente ao reino restaurado no ‘aqui’ do reino terreno. Além dos mandamentos a que o messias estava sujeito a obedecer em toda sua integridade, como qualquer filho de Israel deveria fazê-lo, a maioria do povo e os sábios judeus acreditavam que o agente de Deus não detinha poderes divinos exclusivos. O cumprimento da redenção de Israel através de um agente divino estava, por isso, fortemente ligado à tão sonhada restauração do reino nacional davídico. (SCARDELA, 1998: 57)

Na obra de Scardelai a ênfase na perspectiva davídica fez com que os demais títulos-chaves (Filho de José e Profeta) ganhassem um tom coadjuvante nesta investigação. Pois o Filho de José é apresentado como um predecessor do Filho de Davi e o Profeta como uma ramificação popular do messianismo judaico o qual teria se originado na Galiléia. Este último seria marcado pela presença de figuras carismáticas não vinculadas a linhagem davídica. Desta forma Moisés e Elias foram suas principais referências.

Contudo, entendemos que a base da tradição joanina¹ encontra-se na Samaria o que nos conduz a uma nova postura diante dos títulos-chaves apresentados. Por isso, focaremos no messianismo do Filho de José entendendo que existe a

¹ Ver SILVA, A.C.H. Os Eleitos Joanino. A força da Preexistência de Jesus na Tradição Joanina. 2009.

possibilidade de uma estreita relação entre este tipo de messianismo, os samaritanos e a comunidade joanina.

Para tal gostaríamos de reforçar que a compreensão do messianismo do Filho de José em Scardelai se apóia em processos hermenêuticos desenvolvidos na tradição rabínica (Talmud, Targum e Midrash) tomando por base Zc 12, 10 (Sukka 52), Ct 4,5, Ex 40, 11 e Dt 33, 17. Pois na tradição rabínica o Messias Ben José era o antecedente de Davi o qual realizaria a libertação da dominação romana.

Em contrapartida analisaremos o processo hermenêutico desenvolvido na tradição cristã joanina entendendo que o messianismo do Filho de José se respaldou em uma leitura diferenciada da bíblia judaica. No caso específico do evangelho de João, segundo Marie-Émile Boismard², nos títulos atribuídos a Jesus (Profeta, Messias, Rei, Filho do Homem, Sabedoria de Deus, Palavra de Deus e Filho de Deus) identificamos um desenvolvimento exegético e hermenêutico baseado na interpretação bíblica de Dt 18, 18; Ez 37, 24 e Dn 7, 13-14, respectivamente³.

O trabalho de Boismard propõe que, enquanto uns já podem ser encontrados desde a camada mais antiga (Doc. C.) sofrendo adequações ao longo das redações de João II-A, João II-B e João III; outros embora também interpretem o texto bíblico só podem ser encontrados nas redações tardias de João II-A e João II-B. De acordo com o autor, estão presentes na camada mais antiga (Doc. C.) os títulos: Profeta, Rei e Filho do Homem que vão sofrendo processos hermenêuticos ao longo das novas redações.

A interpretação de Dt 18,18 faz de Jesus o Profeta, o novo Moisés. Encontramos este tipo de exegese no encontro de Filipe e Natanael quando o primeiro diz: "aquele

² Ver M.-É. BOISMARD ET A. LAMOUILLE. 1977. Synopse des quatre évangile Tome III L'évangile de Jean, pg 48-53. Nesta obra, o autor, analisa o processo de composição do Evangelho de João apontando suas possíveis camadas redacionais: Documento C. João II-A, João II-B e João III.

³ Para facilitação do estudo transcrevo da Bíblia de Jerusalém os trechos citados: 1) Dt 18,18 – "Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar. Messias". 2) Ez 37,24 – "O meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um só pastor para todos, e andarão de acordo com minhas normas e guardarão os meus estatutos e os praticarão.Rei". 3) Dn 7, 13-14 – "Eu continuava, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como o Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido á sua presença; A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído. Filho do Homem".

que Moisés escreveu na Lei" (1,45), quando o Batista recusa este título (1,21) e Jesus confirma esta qualidade fazendo revelações a Natanael (1,48) e a Samaritana (4,16-18). Nos três milagres realizados na Galiléia teríamos um paralelo com Ex 4, 1-9 onde Moisés deveria realizar três sinais a fim de que os Hebreus acreditassem que ele era o enviado de Deus. Mas o evangelho não permaneceu em sua camada mais antiga (Doc. C.) ele seguiu se adequando ao contexto do judaísmo de seu tempo.

A redação de João II-A, ainda na Palestina por volta de 60-65 procura atenuar a característica samaritana do tema mostrando que o Profeta é também o (Messias) Cristo que esperavam os Judeus (BOISMARD e LOUMILLE, 1977, tome III, pg 68). E em 7, 40-41a a multidão faz uma dupla profissão de fé: "Aquele é verdadeiramente o Profeta" e "Aquele é o Cristo". João II-A coloca em paralelo a afirmação de André e Filipe: "Nós encontramos o Messias" (1,41) e "Aquele que Moisés escreveu na Lei" (1,45)

Em João II-B escrito na Ásia Menor, ou seja, fora da Palestina por volta do ano 90 e.c. (BOISMARD e LOUMILLE, 1977, tome III, pg 68) abandona-se este paralelismo e o título de Profeta dá lugar ao de Cristo. João II-B deixa pensar que a Samaritana esperava a vinda do Messias (4,25.29). E em 10,24 torna uma questão essencial para os Judeus: saber se Jesus é o Cristo. Nesta redação é possível perceber as dificuldades do pós 70 enfrentadas pelos judeus cristãos deste período, pois o redator lembra o decreto de exclusão da Sinagoga colocado contra aqueles que reconhecessem Jesus como o Cristo (9,22).

A interpretação de Ez 37,24 na camada mais antiga (Jo 1,31; 1, 49 e 12, 13) buscava reunificar as regiões da Samaria e da Judéia sob o reinado de Jesus. Um rei para os dois povos, Judá e Israel (Samaria). No entanto, é possível que o autor do Doc. C visse a possibilidade da reunificação destes dois reinos inimigos, não em proveito de Judá e da linhagem davídica, mas de Israel (Samaria). Pois Jesus não é designado como o filho de Davi (Mc 10,47-48; Mt 15, 22; Lc 1, 27.32), mas como filho de José. Este José seria o patriarca ancestral que formou o reino de Israel e que os samaritanos consideravam como o rei de Israel.

Em João II-A o tema é tratado sob uma perspectiva menos samaritana, pois ele toma o cuidado de indicar que o reino de Jesus "não é deste mundo" (18,36). E João II-B desenvolve o tema do novo Moisés acentuando a referência a Davi, pois Jo 11, 50-51; 12, 26; 13 36-37 seriam interpretações de 2Sm 17,3; 15, 21; 15, 19ss.

O Filho do Homem encontrado em Dn 7, 13-14 é perseguido e humilhado, pois ele vai receber a investidura real. E provável que nesta origem a expressão Filho do Homem não induza a nenhum sentido cristológico posterior, ou seja, somente com o processo exegético desenvolvido na tradição cristã "um como o Filho do Homem"⁴ vincula-se as perspectivas messiânicas⁸. Ainda na camada mais antiga Jesus será humilhado e elevado a direita de Deus a fim de que possa ser investido da realeza (12, 23; 12 32). Neste caso o Filho do Homem está em estreita ligação com o título de Rei.

Em João II-A o Filho do Homem está ligado a um aspecto da missão de Jesus: abolir o pecado que é a cegueira dos homens e o desconhecimento de Deus (9, 2-3.34-37). João II-A conhecia o tema da subida apenas como uma forma de elevação (3, 14). Notar-se-á que 9,36 e 3 14-16 são os únicos textos do Novo Testamento onde se demanda crer no Filho do Homem.

João II-B retoma este tema (8, 28; 12, 23 e 13,31), porém ele o fundi com o segundo. Neste sentido se o Filho do Homem pode subir ao céu é porque ele desceu dela (3, 13; 6, 62). Em 3, 13, o Filho do homem se identifica com o novo Moisés que vai procurar no céu a revelação da palavra de Deus. E João-III reinsere no evangelho o tema clássico do Filho do Homem vindo julgar os homens após sua ressurreição, no fim dos tempos (5, 27-29).

Estes são os títulos que, por meio da análise em camadas, encontramos desde a mais antiga até a mais recente redação podendo avaliar as adequações sofridas. As adequações que encontramos vão paulatinamente transferindo a base da tradição da Samaria para a Judéia. O Profeta vai ganhando as configurações do Messias (Cristo) que era esperado pelos judeus de Jerusalém. O Rei que unificaria as duas regiões em proveito de Israel (Samaria) no Doc. C. apresenta oscilações, pois em João II-A seu reino ganha feitiços extraterrenos, transcendentais e em João II-B se acentua a referência a Davi.

No entanto, o uso do termo Filho do Homem como título é um ponto crucial para o cristianismo. Ele atravessa todas as camadas e vai dando novos rumos ao significado inicial proposto na camada mais antiga (Doc. C) de maneira que a exegese

⁴ Alguns comentários contestam a titularidade do termo Filho do Homem no contexto de Dn 7, 13-14. Pois entendem que o uso deste termo como título messiânico e escatológico ocorreu posteriormente. Ver IZIDORO, J. L.; LOPES, M. A recepção da expressão Filho do Homem no Novo testamento: "do Jesus Histórico à expressão Filho do Homem. **RJHR.**, v.2, 2009. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos2/jose.luis.isidoro.com.mercedes.lopes.pdf>>. Acesso em 09/03/2009.

que encontramos nas camadas seguintes (João II-A, João II-B e João III) dá suporte àquelas que somente aparecem nas redações posteriores (Filho de Deus, Sabedoria de Deus e Palavra de Deus).

Enfim, nos títulos acima percebemos um deslocamento na percepção política⁵ do messianismo de Jesus. Pois no Doc. C. é possível identificar uma esperança de libertação nos moldes samaritanos, mas à medida que as novas redações vão sendo elaboradas podemos notar um afastamento dela. A exegese joanina alavanca o messianismo político de Jesus atribuindo-lhe Preexistência.

Relacionando os aspectos encontrados em Scardelai e em Boismard identificamos no documento mais antigo (Doc C.) caracteres de uma comunidade que inicialmente esperava o retorno do Filho de José e posteriormente teria rompido com esta expectativa assumindo a fé na Preexistência. Sabemos que este foi um processo gradual que pode ser identificado através da análise das camadas redacionais de João II-A, João II-B e João III.

Entendemos que os três títulos (Sabedoria de Deus, Palavra de Deus e Filho de Deus) que são encontrados apenas nas redações posteriores de João II-A, João II-B fazem parte de um gradativo processo de ruptura com o Templo. Mas este não é nosso foco neste artigo. Procuramos compreender a viabilidade do messianismo do Filho de José como uma expectativa samaritana que refletiu na tradição joanina.

Sendo assim, associamos a possível origem samaritana da comunidade joanina com a crença no messianismo do Filho de José como o Taheb samaritano⁶. Esta escolha nos conduz à ampliação do horizonte do judaísmo do segundo Templo e das interações entre cristão e samaritanos na origem da comunidade. Por isso investigaremos a relação do Messias Ben José com o Taheb samaritano e para tal citamos duas premissas que certamente serviram de base doutrinal para a expectativa do Filho de José:

- A primeira, que procurou identificar o filho de José com a missão de redimir Israel e resgatá-la do exílio, reunindo assim as tribos na terra prometida.

⁵ O termo política aqui alude à representação da missão de Jesus no que se refere ao sistema monárquico que se queria estabelecer.

⁶ Existe uma proposta na qual os samaritanos, direta ou indiretamente, transmitiram a ideologia do Filho de José segundo J. A. Montgomery (apud, SCARDELA, 1998, pg 67, nota 4).

- A segunda que propõe que foram os samaritanos aqueles que, direta ou indiretamente, transmitiram os fundamentos ideológicos dessa doutrina aos judeus. (SCARDELA, D., 1998, pg 67).

Dentre as duas premissas identificamos a primeira como correspondente a leitura que Boismard faz do título de Rei (Ez 37,24 ao qual nos referimos logo acima) o qual unificaria a Casa de Israel sob a primazia do reino do Norte com capital na Samaria e a última relacionada à forte influência do pensamento samaritano no evangelho de João.

Já a segunda premissa aproxima-se do objetivo de nossa investigação, ou seja, identificar as características da perspectiva messiânica presente na tradição joanina. Nos já analisamos o tipo de fundamentação bíblica (Ez 37,24) que deu suporte a tradição joanina para que desenvolvesse a idéia de união de todo o reino de Israel, ou seja, as Casas de Judá e a Samaria (Efraim) sob um messias. Mas há outros aspectos que dão ao evangelho de João exclusividade ao seu discurso.

Os fatos ocorridos na Samaria que são relatados no evangelho são únicos na narrativa dos evangelhos canônicos, como:

- João Batista em Enom - O evangelho apresenta o Batista é colocado na região de Siquém (Enon e Salim), no coração da Samaria dando independência a esta tradição se comparada aos sinópticos que o coloca a margem do Jordão.
- Vocação de Filipe e Natanael – Jesus é anunciado como o Profeta semelhante a Moisés, anunciado em Dt 18,18. E lembramos que Filipe e Natanael são encontrados entre os primeiros convocados apenas no evangelho de João. Destacamos que as expectativas messiânicas dos samaritanos estão centradas neste Profeta.
- A tradição samaritana em 1,43ss que apresenta Jesus como rei de Israel, herdeiro do patriarca José. Diferente da linha de sucessão patriarcal davídica apresentada nos sinópticos.
- Jesus e o diálogo com a Samaritana A fonte de Jacó não é longe de Enon onde estava o Batista. Na verdade, estão próximos também pela teologia que coloca o Batista na Samaria para que os samaritanos estejam prontos ao anúncio de Jesus. Como ocorre depois do diálogo com a samaritana. E, assim como na vocação de Natanael, onde é dada

uma importância especial ao patriarca José como ancestral dos samaritanos em 4,5.

É possível que o evangelho reproduza esta aspiração projetando o Filho de José (Efraim). Por isso, admitimos que este ideal messiânico tivesse elasticidade suficiente para abarcar esta configuração no contexto cristão da comunidade de João.

[...] o EvJn (Evangelho de João) 11,54 relata que Jesus permaneceu três meses segundo sua cronologia, em aldeia chamada Efraim. No NT (Novo Testamento) essa é a única vez e o único lugar em que se recorre a esse nome [...] A razão histórica dada pelo Ev Jn é que sacerdotes e fariseus (11,47) decidiram matá-lo (11,53). [...] A retirada a Efraim geográfica, na redação do EvJn requer uma compreensão teológica profundamente cristológica, enraizada em uma das expectativas messiânicas daquele tempo, a do Messias ben/bar Efraim/José (tradução nossa). (PIETRANTONIO, R., apud VIERA LIMA JUNIOR, F.C., 2009, webartigos.com)

Sendo assim, a forte influência do pensamento samaritano, averiguada através da comparação dos estudos de Scardelai e Boismard, aumentam as chances de uma provável relação entre a comunidade joanina e a perspectiva do messias Filho de José como o Taheb samaritano. Acreditamos que os aspectos encontrados unicamente no evangelho de João confirmem esta influência.

Contudo, apesar de ser capaz confirmar determinado grau de influência do pensamento samaritano na tradição cristã joanina não podemos submeter esta discussão a uma resolução simplista. Existem muitas publicações que ampliam e divergem quando o assunto tratado é messianismo. Lembramos que nesta breve reflexão nos propomos um recorte bem específico que se volta precisamente a uma perspectiva messiânica (ao conceito do Filho de José) a qual investigamos sua relação com a tradição cristã joanina.

Mas este tipo de estudo possui um leque de possibilidades amplo que remete, por exemplo, o Messias sofredor de Is 53 ao Messias de Qumran conferindo-lhe anterioridade a versão cristã, ou mesmo um messias Filho de José que seria o personagem bíblico Josué.

Recentemente a publicação de Ada Yardeni⁷ do *Apocalipse de Gabriel* em julho de 2008 provocou uma reviravolta na possibilidade de ligação do Messias Ben José com o Taheb samaritano.

O erudito Israel Knohl analisou a publicação de Yardeni e publicou o artigo *The Messiah Son of Joseph* que dá um novo rumo aos estudos do messianismo. Um fundamental artigo publicado no New York Times (julho 6, 2008) descreveu a pesquisa do erudito Israel Knohl da Hebrew University, que reivindica que “a Visão Gabriel” fornece introspecções novas e importantes nos conceitos judaicos e cristãos acerca do messias. Este artigo foi publicado mais detalhadamente em setembro/outubro 2008 na Revista Bíblica de Arqueologia.

Knohl olha a história do messianismo judaico e cristão explorando suas similaridades e diferenças. O fragmento do Mar Morto em pedra, como está sendo chamado, abre um novo capítulo na história deste relacionamento, de acordo com autor.

Neste texto judaico pré-cristão encontra-se referências a dois conceitos diferentes: um messias filho Davi e o outro filho de Joseph (Ephraim). O retorno do messias Filho de Davi envolveria uma vitória militar. Certamente, o messianismo davídico instituiria a era messiânica com o “dia da batalha”. O messias Filho de Davi é um messias triunfante enquanto Ephraim, ou messias Filho de José é um tipo muito diferente de messias e reflete um tipo novo de messianismo. Este tipo de messianismo envolve sofrer e morrer. Na “Visão de Gabriel”, Knohl vê um messias que sofre, morre e ressuscita⁸.

Ao comparar a nova descoberta com o evangelho, Knohl afirma que o próprio Jesus rejeita o conceito do filho militante do messias de Davi e que no fragmento do rolo de Mar Morto em pedra, um arcanjo requisita a alguém se levantar dos mortos em três dias, tradição que seria reproduzida por Jesus⁹. Não queremos enveredar pelo cominho polêmico de Knohl, mas importantes aspectos deste messianismo encontrado

⁷ Ver a datação em YARDENI, ADA. 2008. A New Dead Sea Scroll in Stone? Bible-like Prophecy Was Mounted in a Wall 2,000 Years Ago. **Biblical Archaeology Review**, Disponível em: <<http://www.bib-arch.org/archive.asp?PubID=BSBA&Volume=34&Issue=1&ArticleID=16&extraID=14>>

⁸ Ver KNOHL, Israel. O Messias antes de Jesus. Rio de Janeiro; Imago, 2001.

⁹ Esta é a afirmativa mais polêmica de Knohl. É possível encontrar no site da revista (BAR) cartas enviadas por outros estudiosos que contestam as interpretações do autor: <http://www.bib-arch.org/e-features/messiah-son-of-joseph.asp>

no “Visão de Gabriel” podem elucidar o perfil samaritano do Messias ben José que sugerimos encontrar na tradição joanina. Esta recente perspectiva conceitual de Knohl assemelha-se àquela que tem por referência o cisma presente na literatura rabínica antiga entre o Filho de Davi e o Filho de José indicando, sobretudo que Moisés também seria um protótipo de messias (KLAUSNER, 1955 apud SCARDELA, 1998: 24, nota 7).

Como uma corrente expressiva e legítima da antiga esperança judaica, a crença no filho de José, pode ter existido bem antes dos episódios históricos que o projetaram, por volta dos sécs. II e III da era cristã. Em acréscimo à complexidade do tema, o professor D. Flusser escreveu que

A crença no messias filho de Davi e no messias filho de José já existia desde a época de Judas Macabeu, em cujo período foi composta a *Visão dos Setentas Pastores*, do livro de *Enoque*. JUD. FL., p. 424, nota 124. (apud SCARDELA, 1998, pg. 67, nota 1)

Este aspecto pode ser sustentado como um dos elementos que deu base a compilação do evangelho de João de maneira que um novo perfil messiânico na comunidade joanina se fundamentasse também no ideal samaritano de messias. Talvez o responsável direto por postular esta sugestão tenha sido o estudioso sobre os samaritanos, J. A. Montgomery¹⁰. Ele defende que é perfeitamente razoável encontrar no messias samaritano um forte vínculo com o messias filho de José.

¹⁰ Ver sua obra *The Samaritans* (new York, Ktav Publishin House, 1968), p. 243. (SCARDELA, D., 1998, pg 67 nota 4)

BIBLIOGRAFIA.

OBRAS DE REFERENCIA.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 4ª impressão, 2006.

BIBLICAL ARCHAEOLOGY REVIEW. 2008 (Special News Report. Updated July 8, 2008). A New Dead Sea Scroll in Stone?

Disponível em: <http://www.bib-arch.org/news/dss-in-stone-news.asp>

DOCUMENTAÇÃO.

Evangelho de João, Carta de João, in BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 4ª impressão, 2006.

TRABALHOS ESPECÍFICOS.

BOISMARD, M-É e LAMOUILLE, A., 1977. **Synopse des quatre évangile, Tome III, L'évangile de Jean**, Paris, Éditions du Cerf.

KNOHL, Israel. 2001. **O Messias antes de Jesus**. Rio de Janeiro; Imago.

PAINCHAUD, L., 2006. Identidade cristã e pureza ritual no Apocalipse de João de Patmos: o emprego do termo *Koinon* em Apocalipse 21, 27. **Estudos de Religião**. n. 31, pg 58-73.

SCARDELAI, D. 1998. **Movimentos Messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros messias**, São Paulo: Paulus.

VASCONCELOS, P. L. 2002. O caminho é estreito: Idas e vindas na incorporação (de parte) da tradição joanina ao cânon do Novo Testamento. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, nº 42/43, Ed. Vozes, pg 121-144.

VIERA LIMA JUNIOR, F.C., 2009, MASHIACH BEN EFRAIM: As Raízes Catastróficas do Imaginário Messiânico Cristão Primitivo. **Webartigos.com**.

Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/14010/1/mashiach-ben-efraim-as-raizes-catastroficas-do-imaginario-messianico-cristao-primitivo/pagina1.html>> Acesso em 22/03/2009

YARDENI, ADA. 2008. A New Dead Sea Scroll in Stone? Bible-like Prophecy Was Mounted in a Wall 2,000 Years Ago. **Biblical Archaeology Review**,

Disponível em: <<http://www.bib-arch.org/archive.asp?PubID=BSBA&Volume=34&Issue=1&ArticleID=16&extraID=14>> Acesso em 20/03/2009.

_____. "A New Dead Sea Scroll in Stone?." *Biblical Archaeology Review*, Jan/Feb 2008. <http://members.bib->